

The background of the cover is a classical painting depicting the Pentecost. It shows a group of people in a grand, vaulted interior space. A central figure, likely the Virgin Mary, is dressed in a blue and red robe. Other figures around her are in various states of prayer and awe. The scene is filled with dramatic lighting and architectural details like columns and arches.

A hermenêutica do ESPÍRITO

*Lendo as Escrituras
à luz do Pentecostes*

CRAIG S. KEENER



VIDA NOVA

Craig Keener escreveu um guia contundente para ler as Escrituras de modo experiencial, escatológico e missional. Keener abastece a tradição pentecostal em sua abrangência global, para orientar seus leitores sobre como beber do Espírito, desenvolver hábitos de leitura disciplinados, entender debates sobre a interpretação dos textos e aproveitar o texto ao máximo. Esse livro não é nada menos do que hermenêutica com fogo santo!

MICHAEL F. BIRD, Ridley College, Melbourne

Alguns talvez questionem se uma abordagem nova e inovadora à hermenêutica bíblica de fato é possível. Keener mostra que sim. Ele une sua *expertise* bíblica e acadêmica e seu domínio sobre as fontes secundárias com a convicção profunda de que a experiência do Espírito deve moldar a leitura cristã (e não somente a pentecostal) das Escrituras. O resultado é um tratamento bastante abrangente da tarefa de recontextualizar a Bíblia alinhado com a exegese, mas não substituindo-a. Um espectro amplo de leitores descobrirá em *A hermenêutica do Espírito* muito material para se deter e meditar.

JEANNINE BROWN, Bethel Seminary, San Diego

Esse livro maravilhoso deu um passo corajoso visando a cumprir a intenção do Espírito para que a experiência “pentecostal” seja plenamente integrada e manifesta na igreja como um todo.

WONSUK MA, Oxford Centre for Mission Studies

Sumário

<i>Prefácio, Amos Yong</i>	15
<i>Agradecimentos</i>	21
<i>Abreviações</i>	23
Introdução	31
O que este livro não é	32
O que é hermenêutica do Espírito?	34
<i>Percepções que vêm das ênfases no Espírito do movimento pentecostal global</i>	36
<i>Hermenêutica pentecostal e hermenêutica do Espírito</i>	38
<i>O “pentecostal” em “hermenêutica pentecostal”</i>	41
<i>Descritivo ou prescritivo?</i>	43
<i>Uma abordagem mais prescritiva</i>	45
A hermenêutica cristã mais ampla do Espírito	46
<i>Como opera a iluminação?</i>	46
<i>A tradição cristã mais ampla confirma a iluminação</i>	48
<i>Consenso interdenominacional</i>	50
Meus antecedentes	52
<i>O desenvolvimento do meu pensamento</i>	53
<i>Um legado de estudiosos pentecostais</i>	55
PRIMEIRA PARTE	
UMA LEITURA TEOLÓGICA VOLTADA À PRÁTICA E À MISSÃO	59
1. Fazendo uma leitura experiencial e escatológica	61
Leitura missiológica que o pentecostalismo inicial fez de Atos 2	61
<i>Busca de modelos nas narrativas bíblicas</i>	63

<i>O valor da leitura devocional</i>	65
Ler biblicamente é ler experiencialmente	67
<i>Uma abordagem pentecostal</i>	70
<i>A leitura experiencial em outras hermenêuticas carismáticas</i>	75
<i>A leitura experiencial é inevitável</i>	76
<i>A leitura experiencial é desejável</i>	78
<i>A leitura experiencial é bíblica</i>	82
<i>Acontecimentos irrepetíveis</i>	84
Conclusão	86
2. Fazendo a leitura da perspectiva do Pentecostes	87
Conhecendo o coração de Deus	88
Lendo missionalmente	92
Lendo a partir da experiência plena do Espírito	93
Lendo com os humildes	97
Uma leitura escatológica	102
<i>No limiar de um novo mundo</i>	103
<i>Os últimos dias de Atos 2.17</i>	105
<i>Pentecostes e seus avivamentos subsequentes</i>	108
A leitura não cessacionista, ou continuacionista	110
Conclusão	113

SEGUNDA PARTE

LEITURAS GLOBAIS	115
3. Leitura global: o modelo bíblico do Pentecostes	117
A reversão de Babel	118
A função narrativa do dom de línguas em Atos	120
A associação com o batismo no Espírito na interpretação do pentecostalismo clássico	121
O dom de línguas e a missão transcultural	124
Os helenistas biculturais (Atos 6)	127
Conclusão	129
4. Leitura global: contextualização e Escrituras	131
Introdução: Escrituras e contexto	132
As Escrituras como cânon transcultural	133

Percepções das Escrituras em diversas culturas	135
A comunicação transcultural nas Escrituras: um estudo de caso	136
A contextualização na Bíblia	140
A recontextualização em um novo contexto nas Escrituras	143
Conclusão	145
5. A necessidade da contribuição de outras culturas	147
A contextualização é inevitável	147
A cultura molda o que pensamos que é cultural	148
Pontos cegos	150
Priorizando textos	152
Ensino bíblico e imperialismo cultural	153
Dando ouvidos à igreja global de hoje	154
Breve excursão sobre o método	160
Conclusão	163
6. Algumas percepções valiosas do restante (e da maior parte) do mundo	165
Estudo de caso I: espíritos	165
<i>Experiências globais relacionadas a espíritos</i>	166
<i>Interpretações acadêmicas ocidentais vs. interpretações autóctones</i>	168
<i>Feitiçaria</i>	170
Estudo de caso II: milagres	172
<i>Simpatia vs. antipatia</i>	173
<i>Experiências amplamente difundidas</i>	176
<i>Lendo os milagres com a igreja global</i>	177
<i>Desafiando o ceticismo ocidental sobre milagres</i>	178
Conclusão	181

TERCEIRA PARTE

A CONEXÃO COM O SENTIDO PROPOSTO	183
7. A vara de medição — o padrão	185
A forma dos documentos canônicos	185
Os objetivos interpretativos ditam os métodos	186
A tradição pentecostal e o cânon	189
<i>Verdades fundamentais</i>	190
<i>Granola carismática</i>	192

O propósito do cânon	193
<i>Avaliando outras revelações</i>	193
<i>Discernimento</i>	197
Espírito bíblico, Bíblia inspirada pelo Espírito	200
<i>Respeitar as Escrituras requer respeitar o primeiro sentido inspirado</i>	200
A espontaneidade não é idêntica à inspiração	202
<i>O Espírito concede o dom de ensinar</i>	204
<i>Um círculo hermenêutico</i>	205
<i>Princípios básicos</i>	206
<i>A nova dinâmica</i>	208
Conclusão	208
8. Os significados antigos importam?	211
Significados (pós-)modernos ou antigos?	211
<i>Hermenêutica pentecostal pós-moderna?</i>	212
<i>Toda interpretação é tão boa quanto qualquer outra?</i>	214
<i>Polivalência?</i>	216
Nomenclatura potencialmente ambígua	218
Rejeição mal direcionada do contexto antigo	219
O significado antigo dos textos	221
Meu testemunho pentecostal a favor do contexto antigo	224
Modo de interpretar pré-moderno e também moderno	226
<i>Antiguidade greco-romana</i>	227
<i>Interesses da Reforma</i>	230
Conclusão.....	231
9. Ainda há espaço para autores?	233
Intenção autoral hoje?	234
<i>Dando ouvidos à comunicação</i>	235
<i>A intenção autoral na exegese pré-moderna</i>	237
<i>O debate de Hirsch</i>	239
<i>Os pentecostais e a intenção autoral</i>	241
Autores e limites subentendidos na determinação da intenção autoral ..	242
Conclusão	245
10. Tanto este quanto aquele	247
Tanto a abordagem literária quanto a histórica.....	248

<i>A necessidade de ambas as abordagens</i>	248
<i>Abordagens que dependem de contextos maiores</i>	250
Tanto o significado antigo quanto o atual	253
<i>O consenso comum</i>	253
<i>A necessidade de significados antigos e de significados atuais</i>	255
Algumas leituras são mais úteis do que outras	257
Além do significado antigo	258
<i>Fundamentos antigos para um significado novo</i>	259
<i>Fundamento comum</i>	259
Conclusão	261

QUARTA PARTE

A EPISTEMOLOGIA E O ESPÍRITO 263

11. Uma epistemologia de Palavra e Espírito 265

Abordagens epistêmicas tradicionais e suas limitações	266
Uma epistemologia teocêntrica e cristocêntrica	268
<i>Cristo re[a]presentado pelo Espírito no evangelho</i>	269
<i>Particularidade histórica</i>	270
Evidência experiencial e testemunhal na epistemologia querigmática ...	271
<i>Testemunho e experiência no Evangelho de João</i>	271
Revelação e recepção	272
<i>Cosm visões caídas</i>	274
A fé como compromisso epistêmico	275
Alguns exemplos de interpretação fiel	278
<i>Antigamente e hoje: cultura</i>	278
<i>Lendo narrativas</i>	280
<i>Interpretando milagres</i>	283
Cosm visões sob juízo	287

12. Epistemologia bíblica e hermenêutica 291

Afirmações ousadas a favor da verdade	292
<i>Visões conflitantes da realidade</i>	292
<i>Fé e verdade</i>	293
<i>O Espírito da verdade e fé</i>	295
A incredulidade como cosm visão	295
<i>Alguns exemplos de como o pecado obscurece a mente</i>	297

<i>Cegueira em nível corporativo</i>	298
<i>Graus de cegueira</i>	300
<i>Exemplos de inclinações preconcebidas e hostis</i>	301
O dualismo epistêmico de João	304
<i>Compreensão equivocada</i>	304
<i>Conhecer por meio do encontro</i>	305
<i>O dualismo joanino usa tipos ideais</i>	307
Conclusão	309

13. Lendo a Bíblia como verdade 311

Confiando nas Escrituras	312
A verdade não é um gênero	315
<i>Um estudo de caso</i>	319
<i>Quando harmonizar detalhes muitas vezes faz perder de vista o que está em jogo</i>	321
<i>Enigmas do Antigo Testamento</i>	323
O que <i>realmente</i> significa ter fé na Palavra de Deus	326
Imaginação fiel	328
<i>Entrando em mundos narrativos</i>	329
<i>Suspendendo a incredulidade</i>	330
<i>Expectativas</i>	332
Conclusão.....	335

QUINTA PARTE

MODELOS INTRABÍBLICOS PARA LER AS ESCRITURAS 337

14. Como Jesus nos convida a ouvir a Bíblia 339

Jesus pressupõe o contexto	340
Questões da Lei que têm mais peso	342
Jesus aplicava as Escrituras à sua época	345
Mais do que a Lei	348
O reino restaura o ideal de Deus	349
Fora da caixa	351
A interpretação cristológica que Jesus mesmo fez	352
Conclusão	354

15. Lendo a Torá como a lei da fé 355

Dois modos de leitura.....	355
----------------------------	-----

O espírito da Lei: os princípios continuam, o conteúdo é adaptado	357
<i>Tanto diferente quanto o mesmo</i>	358
<i>O espírito da Lei no antigo Israel</i>	358
Aplicando os princípios de Paulo	361
Interpretando a lei bíblica.....	363
<i>Comparando as leis de Israel com as de seus povos vizinhos</i>	363
<i>Diferença de abordagens entre os contemporâneos de Israel</i>	370
<i>Concessões à pecaminosidade humana</i>	371
<i>Entendendo e aplicando hoje a lei de Deus</i>	374
<i>Um estudo de caso: o dízimo</i>	375
Conclusão: O Deus do amor do Antigo Testamento	377
16. Interpretação cristológica ou aplicação pessoal?	379
Uma escolha forçada	379
A interpretação cristocêntrica de Estêvão	381
A interpretação cristocêntrica de Mateus	384
<i>O filho de Deus e Israel</i>	385
<i>O modelo tipológico de Isaías</i>	385
<i>Os interesses interpretativos de Mateus</i>	387
Outras analogias nos Evangelhos	389
Analogias e aplicação	391
<i>Definindo os termos</i>	392
<i>Aplicação</i>	393
Aplicações pessoais coerentes com as Escrituras	396
<i>O Espírito fala por meio das Escrituras</i>	396
<i>Modelos para a aplicação pessoal nas Escrituras</i>	398
Lendo as narrativas bíblicas em busca de modelos	399
Padrões para nós, e não somente anais da história	402
Coerência na nossa aplicação das Escrituras	404
Letra e Espírito	406
A Palavra final	409
Conclusão.....	411
SEXTA PARTE	
INTERPRETAÇÃO CARISMÁTICA DE QUEM?	413
17. Leituras “pentecostais” ingênuas vs. leituras pentecostais	
biblicamente adequadas	415

A abordagem populista	416
Problemas com essa abordagem	418
O tipo errado de leitura experiencial	419
Alguns exemplos de hermenêutica pentecostal popular	
com aplicação equivocada	421
<i>Certa pregação carismática na televisão</i>	422
<i>Quebrando maldições hereditárias?</i>	423
<i>Ensinos do movimento Palavra da Fé</i>	425
<i>Modelos genuínos de fé na Bíblia</i>	428
Um exemplo positivo: fazendo uma releitura experiencial	
de 1Coríntios 14.....	430
Conclusão	432
18. A comunidade pentecostal global como uma rede de segurança?	433
Comunidade e interpretação.....	433
<i>Comunidade cristã</i>	434
<i>Perigos nos apelos à comunidade</i>	435
<i>Autoridade apostólica e comunidades</i>	437
Quem é a comunidade pentecostal?	439
Tornando supérfluas as particularidades carismáticas	441
Experiência carismática, e não somente doutrina carismática	443
Conclusão: As Escrituras falam pessoalmente — e historicamente	445
A força propulsora deste livro	445
A hermenêutica pentecostal como hermenêutica cristã	446
O Espírito e a aplicação	448
Apêndice A: Algumas tentativas teóricas que facilitem a compreensão ..	451
Apêndice B: Abordagens pós-coloniais	457
Apêndice C: A comunidade acadêmica carismática global	463
<i>Bibliografia de fontes citadas</i>	473
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	561
<i>Índice de obras antigas</i>	581
<i>Índice remissivo</i>	601

PRIMEIRA PARTE

UMA LEITURA TEOLÓGICA VOLTADA À PRÁTICA E À MISSÃO

As próprias Escrituras nos convidam a lê-las teologicamente com interesse na práxis e na missão.¹ Isto é, a maioria dos autores bíblicos queria que os seus leitores implementassem as lições que eles transmitiram, e o seu ensino muitas vezes realça Deus, Cristo e a missão da igreja. Embora às vezes seja depreciado por leitores acadêmicos modernistas, ler as Escrituras por interesses teológicos caracterizava os intérpretes pré-modernos, e eis que essa leitura voltou à mesa dos intérpretes pós-modernos.² A igreja nunca abandonou esse interesse, e as primeiras ênfases pentecostais fornecem um exemplo desse foco.

Os estudiosos atuais com frequência descrevem a compreensão de textos da perspectiva de dois horizontes, o horizonte original do texto ou do autor e o horizonte do leitor. Quase todo o meu trabalho acadêmico em estudos da Bíblia se dedicou ao horizonte antigo, mas, visto que este livro se concentra em um elemento *específico* de hermenêutica do Espírito, concentro-me aqui mais plenamente na leitura que vai além desse horizonte. No entanto, se de fato respeitamos o texto bíblico como imbuído de autoridade, esse horizonte é um fundamento necessário para a interpretação e, portanto, volto a ele especialmente nos capítulos 8 e 9.

¹Para a práxis na hermenêutica pentecostal, veja Johns; Johns, “Yielding”, p. 42-6 (definindo práxis de modo mais específico do que eu defino aqui).

²Veja, e.g., Waddell, “Hearing”, p. 182, 186, citando aqui tb. Steinmetz, “Superiority” (tb. publicado nas p. 65-77 em McKim, *Guide*). Para a interpretação teológica de Lutero, veja, e.g., Ramm, *Interpretation*, p. 55-7.

Em contraste, discussões recentes do Espírito têm se concentrado tanto no leitor que elas às vezes têm reagido contra ênfases anteriores no primeiro horizonte. O propósito ao qual um texto aparentemente se destinava, no entanto, sugere os seus usos mais óbvios, e uma interpretação genuinamente iluminada pelo Espírito deve ser coerente com o desígnio originalmente inspirado pelo Espírito. Nossas leituras das Escrituras como comunicação se ancoram melhor, à medida que isso é possível, nos cenários dos textos bíblicos.

Mas as discussões recentes suscitam uma pergunta decisiva: como esses textos continuam falando a nós em cenários diferentes? Aqui analogias bem elaboradas são úteis, uma questão à qual voltarei mais tarde (especialmente no cap. 16). Em primeiro lugar, no entanto, quero mostrar o valor de leituras experienciais e escatológicas de textos, contanto que elas correspondam à amplitude de significado implícita na comunicação inspirada original.

1

Fazendo uma leitura experiencial e escatológica

Lida de uma perspectiva cristã, a história bíblica avança para a vinda de nosso Salvador e para a consumação final. O período atual entre as vindas de Jesus é uma época escatológica em que devemos contar com a ação decisiva do Espírito na igreja. Embora os primeiros pentecostais tipicamente lessem as Escrituras por meio da estrutura narrativa da “última chuva” (ou “chuva serô-dia”) em vez da escatologia do reino mais biblicamente correta do já/ainda não, sua leitura era inquestionavelmente escatológica.³ Eles e outros movimentos de avivamento do período, assim, fornecem um modelo útil de ler as Escrituras de modo experiencial e escatológico. Essa leitura é bem-vinda, tendo em vista a nossa localização na história bíblica.

Leitura missiológica que o pentecostalismo inicial fez de Atos 2

Evangélicos radicais do final do século 19 enfatizavam a importância da Grande Comissão, a missão de alcançar todos os povos com o evangelho de Cristo. Escatologicamente, o seu insistente pós-milenarismo desempenhava um papel nessa expectativa, da qual proponentes de outros esquemas escatológicos

³A Terceira Onda, fortemente influenciada pela teologia bíblica de George Ladd, mudou, de forma positiva, essa ênfase; veja, e.g., Stibbe, “Thoughts”, p. 188: “Uma das coisas distintas na interpretação e exposição carismáticas é a sua ênfase no ‘agora’ e no ‘ainda não’ do reino de Deus”.

também compartilhavam. Muitos evangélicos radicais, especialmente em círculos que enfatizavam a santidade, estavam orando por uma experiência especial de capacitação.

Os que estavam em Keswick e alguns outros círculos compreendiam acertadamente que o foco da atividade do Espírito relatada em Atos é a capacitação divina para a missão (veja esp. At 1.8), e eles estavam orando de acordo com isso. Alguns, acreditando que a tarefa global era grande demais sem auxílio miraculoso, acreditavam que ela poderia ser realizada somente se missionários pudessem evangelizar diretamente sem precisar aprender todos os idiomas antes (muitos idiomas nunca haviam sido mapeados). Eles estavam orando por línguas missionárias — isto é, para que Deus os capacitasse sobrenaturalmente a falar idiomas sem precisar aprendê-los antes.

Quando alguns cristãos em círculos de santidade começaram a falar em línguas como parte de sua experiência dramática do Espírito, eles acreditaram inicialmente que estavam experimentando línguas missionárias.⁴ Embora na maioria dos casos eles tenham descoberto depois que não era isso que estava ocorrendo,⁵ seu interesse no poder para a missão permaneceu, e, em seu primeiro século moderno, as formas pentecostais de cristianismo se expandiram mais rapidamente do que qualquer outro movimento cristão, e grande parte disso aconteceu globalmente por crescimento de conversão.⁶ A conexão entre línguas e missões, no entanto, muitas vezes foi esquecida.⁷

Embora os pentecostais nem sempre tenham reconhecido a conexão, o uso narrativo por Lucas de línguas também tinha conexão missionária. Por causa do foco de Lucas no poder do Espírito para a missão (At 1.8), ele naturalmente enfatizou a interseção mais conspícua entre a dimensão profética da atividade

⁴Como é regularmente observado, e.g., Anderson, *Pentecostalism*, p. 33-4; McGee, *Miracles*, p. 61-76; ibidem, “Hermeneutics”, p. 102; ibidem, “Strategy”, p. 52-3; Goff, “Theology of Parham”, p. 64-5; Jacobsen, *Thinking in Spirit*, p. 25, 49-50, 74, 76, 97; Robeck, *Mission*, p. 41-2, 236-7, 243, 252; veja esp. McGee, “Shortcut”; ibidem, “Logic”; Anderson, “Signs”, p. 195-9.

⁵Veja, e.g., Wacker, *Heaven*, p. 47-51; McGee, *People of Spirit*, p. 77-8; ibidem, “Strategies”, p. 204; Hudson, “Strange words”, p. 61-3; Anderson, “Points”, p. 167; Ma, “Eschatology”, p. 100.

⁶Veja, e.g., Lee, “Future”, p. 105; Mullin, *History*, p. 211; Berger, “Faces”, p. 425; Tomkins, *History*, p. 220; Sweeney, *Story*, p. 153; Barrett, “Renewal”, p. 388; Barrett; Johnson; Crossing, “Missiometrics 2006”, p. 28; Barrett; Johnson; Crossing, “Missiometrics 2007”, p. 32; Sanneh, *Disciples*, p. 275; Noll, *Shape*, p. 22, 32, 34; Johnson; Ross, *Atlas*, p. 102; Hanciles, *Beyond Christendom*, p. 121; Satyavrata, “Globalization”, p. 3. Mas, para mais nuances, veja esp. Anderson, *Pentecostalism*, p. 11.

⁷No entanto, às vezes ela tem persistido ou reaparecido; veja de forma muito proveitosa McGee, *Miracles*, p. 102; esp. Miller, *Tongues revisited*.

Como ouvimos a voz do Espírito nas Escrituras? Depois de fazer uma exegese responsável, de que forma podemos esperar que o Espírito aplique o texto à nossa vida e às nossas igrejas? Em *A hermenêutica do Espírito*, o estudioso da Bíblia, Craig Keener, discorre sobre essas questões, articulando meticulosamente como a experiência do Espírito que capacitou a igreja no Dia de Pentecostes pode e deve moldar de modo dinâmico nossa leitura das Escrituras nos dias de hoje.

Keener examina o que significa a interpretação orientada pelo Espírito, explora as implicações de uma epistemologia da Palavra e do Espírito para a hermenêutica bíblica e mostra como as Escrituras em si modelam uma apropriação experiencial de sua mensagem. Ao aproximar Palavra e Espírito, muitas vezes separados pelas abordagens cristã, acadêmica e experiencial, *A hermenêutica do Espírito* descreve uma maneira de ler a Bíblia que é fiel tanto ao texto bíblico inspirado pelo Espírito quanto à experiência do Espírito entre os crentes.

Se quisermos levar a Bíblia a sério, poucos assuntos são mais importantes hoje do que a relação entre hermenêutica e o Espírito Santo. Craig Keener acertadamente insiste que hermenêutica “espiritual” inclui o pentecostalismo global, mas também vai bem além disso. Precisamos de atenção meticulosa ao significado do texto para refrear o subjetivismo indevido [...] Eu recomendo calorosamente essa abordagem informativa e sensata sobre esse assunto de suma importância.

ANTHONY THISELTON, University of Nottingham

Nesse estudo paradigmático, Craig Keener une o que há de melhor na erudição bíblica à sua experiência carismática e a seu contato com a maior parte do mundo acerca da dimensão espiritual e sobrenatural. Esse certamente será, por muitos anos, o melhor livro no que diz respeito à hermenêutica pentecostal e carismática.

ALLAN H. ANDERSON, University of Birmingham